

# GUERRA NO LESTE EUROPEU

Comemoração dos oito anos de anexação da Crimeia, em estádio superlotado, se converte em ato de exaltação à invasão ucraniana. Diante de um público estimado em 95 mil pessoas, Putin cita a *Bíblia* e enaltece "heroísmo" de suas tropas

# O dia "Z" em Moscou

Numa investida para demonstrar poder, e provar que tem os russos a seu lado, o presidente Vladimir Putin lotou, ontem, o Estádio Lujniki, em Moscou, para comemorar o oitavo aniversário de anexação da Crimeia. Saudado por um público efusivo, embalado por apresentações musicais e efeitos especiais, o anfitrião transformou a celebração em uma ferrenha defesa da guerra — que ele trata como "operação especial" — contra a Ucrânia, que entra hoje no 24º dia. "Sabemos o que precisamos fazer, a que custo, e cumpriremos nossos planos", disse o líder russo.

Segundo as estimativas, havia 95 mil pessoas no interior do estádio e outras 100 mil na área externa. Uma profusão de bandeiras da Rússia sobressaía. Slogans antinazistas e cantos patrióticos ecoavam em Lujniki. "Por um mundo sem nazismo", "Pela Rússia", proclamavam as faixas exibidas pelo público. Por todos os lados, o "Z" — letra do alfabeto latino, inexistente no cirílico, transformada em símbolo pró-Moscou na guerra — adornava o peito dos presentes no ato.

Logo ao subir ao palco, Putin saudou as tropas em combate na Ucrânia com uma citação da *Bíblia*. "As palavras que me vêm são as das Sagradas Escrituras: não há amor maior que dar a vida por seus amigos", disse. A Rússia justifica sua atual operação militar na Ucrânia na necessidade de "desnazificar" o país, acusando de cometer um genocídio contra a população russófona.

Ao som de Rússia, Rússia entoado pela multidão, Putin louvou o "heroísmo" dos soldados que "combatem, que atuam lado a lado durante esta operação militar, e que, em caso de necessidade, usam seu próprio corpo para defender seus camaradas" e impedir a trajetória "de uma bala".

## Problema técnico

Nesse momento do discurso, Putin desapareceu das telas, em decorrência de problemas técnicos. A emissora pública

Ramil SITDIKOV / POOL / AFP



## » Denúncia de "russofobia"

Moscou acusou o Conselho Europeu, que a excluiu oficialmente há três dias, de ser um instrumento "russofóbico" a serviço do Ocidente, dizendo que rejeita a "tutela de Bruxelas" em matéria de direitos humanos. "Devido à atividade russofóbica ocidental, essa estrutura está perdendo sua razão de ser. Ao colocar os interesses do bloco acima de seus próprios objetivos estatutários, o Conselho Europeu se transformou em um instrumento obediente à União Europeia, Otan e seus satélites", declarou a porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova, em um comunicado. O Conselho da Europa removeu a Rússia, que fazia parte desde 1996 da organização de vigilância dos direitos humanos, devido à ofensiva contra a Ucrânia. Um dia antes, Moscou já havia iniciado o procedimento de saída.



**Uma nação que acredita em seu presidente não pode ser derrotada"**

**Vladimir Putin,**  
presidente da Rússia

Rossiya-24, que transmitia o pronunciamento, continuou mostrando outras imagens do evento. Quinze minutos depois, a veiculação da fala de Putin foi retomada, agora gravada. Segundo o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, houve "falha técnica em um servidor".

O presidente também exaltou a união do país. "Já passou muito tempo desde que vivíamos tal grau de unidade", afirmou. Dois dias antes, porém, durante reunião com sua equipe de governo, Putin afirmou que a Rússia precisa se livrar de "traidores" contrários ao

Pavel BEDNYAKOV / POOL / AFP



**Banner com a letra latina, inexistente no cirílico, que se tornou símbolo de apoio ao Kremlin**

conflito. "Estou convencido de que essa necessária e natural autopurificação da sociedade nos fortalecerá", assinalou, na ocasião.

Protestos contra a invasão

se tornaram frequentes nas principais cidades russas desde o início do conflito. Em três semanas, mais de 15 mil pessoas foram presas. Além disso,

muitos deixaram o país por discordarem da ofensiva.

Mas, ontem, a mensagem foi de coesão. Políticos, medalhistas esportivos e artistas subiram

no palco e se multiplicaram as mensagens de lealdade ao chefe do Kremlin. Conhecido por compor e interpretar canções patrióticas, Oleg Gazmanov cantou o sucesso *Feito na URSS*, em uma das estrofes diz: "Ucrânia e Crimeia, Belarus e Moldávia, este é o meu país".

"Somos um país e um povo que aprecia e defende a paz, luta contra o mal [...] a verdadeira liberdade é estar livre do mal. Não podemos ter medo porque vivemos no amor e com fé", proclamou a porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova.

O pai de um separatista pró-Moscou do leste da Ucrânia falecido há alguns dias também foi chamado ao palco para saudar o exército russo que está "na linha de frente". "Quero lhes dizer que apoiem o presidente", declarou Artyom Zhoga, que compareceu expressamente para a ocasião, já que é comandante de uma unidade separatista no front de Donetsk. "Uma nação que acredita em seu presidente não pode ser derrotada", arrematou o líder russo.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## A China de Xi na "hora do dragão"

Da conversa de quase duas horas mantida ontem por teleconferência entre o presidente da China, Xi Jinping, e o colega americano, Joe Biden, a impressão mais segura é de que chegou a hora de o "império do meio", renascido, dizer a que vem na nova ordem global que se constrói sobre os escombros da Guerra Fria e de um século de reorganização do sistema internacional de forças. As variáveis da equação proposta pela guerra na Ucrânia são múltiplas. Mas é certo que não se fazem mais arranjos estáveis e duradouros sem o aval e o comprometimento de Pequim.

Detalhes do diálogo entre os líderes das duas maiores economias do globo seguem sob reserva, à exceção daquilo que uma ou outra parte se permitiu divulgar. Mas os meandros da linguagem diplomática permitem entrever que, por ora, Washington e Pequim se concentram na definição de limites a serem observados

reciprocamente. Sintomático: aparentemente, não estiveram diretamente sobre a mesa as pretensões e reivindicações da Rússia, pivô da crise, com a invasão do país vizinho.

Na segunda metade do século 20, no contexto da disputa geopolítica entre os EUA e a hoje extinta União Soviética, o regime comunista instalado em Pequim em 1949 se movimentou como pêndulo. De início, aliado a Moscou, como seria óbvio supor. Ao longo dos anos 1960, porém, diferenças ideológicas e disputas diretas de fronteira afastaram as duas capitais do "mundo socialista". No início dos anos 1970, ainda sob a liderança de Mao Tsé-tung, a China optou pela tabelinha com Washington.

Hoje mirando o leme da economia mundial, Xi ensaia nova manobra de recolocação do antigo império. Mantém-se "neutro" na disputa direta entre os dois outros vértices do triângulo que se desenha no cenário mundial. E trata de assegurar seu lugar em qualquer

foro em que se pretenda seriamente definir algum consenso para a condução dos assuntos de interesse global.

## Amarelinha

Passado pouco mais de um século desde a dissolução do Império Otomano, ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Turquia volta discretamente à cena no papel de facilitador do diálogo sobre a crise na Ucrânia. Foi a convite do presidente Recep Tayyip Erdogan que os governos de Moscou e de Kiev mantiveram o encontro de mais alto nível desde o início das hostilidades. Os chanceleres Sergei Lavrov e Dmytro Kuleba foram à cidade turca de Antália e deram largada para a série de conversações que se sucedem entre delegações das duas partes.

Erdogan construiu sua agenda política doméstica centrada em uma espécie de "reislamização" da Turquia, que saiu da Primeira Guerra despojada de porções significativas do império secular. Tomou a forma de uma república laica e, no pós-Segunda Guerra (1939-1945), incorporou-se à Otan. A razão principal: sua posição estratégica,

com um pé na Ásia e outro na Europa, controlando os estreitos que ligam o Mar Negro ao Mediterrâneo.

Na última década, em especial, Erdogan recolocou o país no circuito da intrincada geopolítica do Oriente Médio. Apoiado em uma diplomacia profissional experiente, faz o jogo de amarelinha, saltitando entre Irã, Rússia, Israel e o Ocidente, como ficou evidente na guerra civil da Síria — e volta a se fazer notar no conflito entre Moscou e Washington.

## Campo minado

São razões algo semelhantes que ajudam a explicar a discreta movimentação diplomática do premiê israelense, Naftali Bennett, o primeiro governante estrangeiro a se encontrar pessoalmente com o presidente Vladimir Putin desde a invasão russa à Ucrânia. Bennett seguiu de Moscou para Berlim, onde relatou os resultados da visita ao chanceler Olaf Scholz — outro chefe de governo que faz a ponte entre o Kremlin e o Ocidente.

Recém-chegado ao poder, à frente de uma coalizão nada ortodoxa, o premiê

israelense ainda convive com a sombra do antecessor, Benjamin Netanyahu — o político que comandou o país por mais tempo em 70 anos de história recente. Resiste à pressão dos EUA, aliado de importância existencial, para que condene explicitamente a ação militar de Putin. Além do interesse natural pela população judaica residente na Ucrânia, Bennett olha com atenção para 1 milhão de cidadãos israelenses de origem russa, uma fatia cobiçável do eleitorado.

Os interesses de Israel, no entanto, se projetam igualmente para a vizinhança próxima e o complexo tabuleiro do Oriente Médio. Desde que interveio decididamente na guerra civil síria, a Rússia controla, na prática, o espaço aéreo do país. As relações com Moscou são essenciais para que Israel execute operações pontuais, mas recorrentes, contra milícias pró-iranianas que operam na Síria — onde sua presença coloca o território israelense ao alcance de mísseis.

Bennett não parece ter cacife para efetivamente mediar uma saída, mas tem todo o interesse em, ao menos, impedir que o conflito siga em escalada e o obrigue a optar entre a Casa Branca e o Kremlin.